

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ARYANE APARECIDA DE MATOS DAS VIRGENS XIMENES

A TEMPORALIDADE EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*: UMA COMPARAÇÃO
ENTRE O MUNDO DAS MARAVILHAS E O MUNDO HUMANO À LUZ DAS
CONCEPÇÕES DE TEMPO NA GRÉCIA ANTIGA E NA FILOSOFIA MODERNA

RIO DE JANEIRO

2024

ARYANE APARECIDA DE MATOS DAS VIRGENS XIMENES

A TEMPORALIDADE EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*: UMA COMPARAÇÃO
ENTRE O MUNDO DAS MARAVILHAS E O MUNDO HUMANO À LUZ DAS
CONCEPÇÕES DE TEMPO NA GRÉCIA ANTIGA E FILOSOFIA MODERNA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciada em Letras na habilitação
Português/Literaturas.

Orientadora: Prof^a Anabelle Loivos Considera.

RIO DE JANEIRO

2024

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ter me sustentado e protegido durante todo esse processo de idas e vindas ao Fundão.

Aos meus pais, Jose de Arimateia e Claudía Aparecida, por sempre me apoiarem e nunca permitirem que eu desistisse; suas vidas são uma bênção na minha.

Ao meu irmão, Thiago de Matos, por ter me inspirado a estudar. Sempre tive orgulho dele e, se hoje estou me formando na Faculdade de Letras, é por vê-lo sempre tão dedicado aos estudos.

Aos meus amigos, Thaís Carvalho, David Pachá, Ayrton Nakazone e Douglas Maia, que estiveram ao meu lado e ouviram minhas queixas nos momentos difíceis. Vocês são muito importantes para mim.

Aos meus professores, tanto do ensino básico quanto do ensino superior, que me inspiraram e ajudaram a chegar até aqui.

Aos alunos, tanto aos que já lecionei quanto aos que ainda irei ensinar, mas especialmente à turma 1522 da ETEVM – FAETEC, que me acolheu tão bem e reavivou minha paixão pela profissão.

Ao meu professor de Língua Portuguesa e Literaturas do ensino básico, Delfim Moraes, que me inspirou a seguir a carreira de professora de Português e Literatura.

À minha psicóloga, Sara Paixão, que me guiou num momento de desespero, me ajudando a alcançar a plenitude e me reconectar comigo mesma.

Por fim, agradeço ao meu esposo, Gustavo Ximenes. Sem você e seu apoio, eu não teria conquistado metade do que tenho, nem teria chegado tão longe. Você é o amor da minha vida, e vou te amar até o meu último suspiro.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	3
2.	O TEMPO	5
2.1.	O TEMPO NA MITOLOGIA GREGA: CRONOS E KAIRÓS.....	5
2.2.	O TEMPO SEGUNDO A FILOSOFIA ANTIGA: HERÁCLITO DE ÉFESO, PARMÊNIDES, PLATÃO E ARISTÓTELES.	6
2.2.1.	HERÁCLITO DE ÉFESO.....	6
2.2.2.	PARMÊNIDES.....	7
2.2.3.	PLATÃO.....	7
2.2.4.	ARISTÓTELES.....	8
2.3.	O TEMPO SEGUNDO A FILOSOFIA MODERNA: IMMANUEL KANT E GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL.	9
2.3.1.	IMMANUEL KANT	9
2.3.2.	GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL	10
3.	ANÁLISE DO TEMPO EM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS	10
4.	CONCLUSÃO	25
5.	REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

Alice no País das Maravilhas, publicado em 1865, por Lewis Carroll, continua a provocar grande comoção entre crianças, adolescentes e adultos. Uma obra que foi originalmente escrita como uma homenagem a uma jovem burguesa, Alice Liddell, tornou-se um sucesso que transcendeu o controle de Lewis Carroll.

Alice é tão íntima do País das Maravilhas quanto o País das Maravilhas é íntimo dela. Os dois tornam-se quase um ao longo da narrativa. A menina, após cair na toca do coelho e despencar por um período indeterminado, encontra-se dentro de uma espécie de sala que se molda conforme ela interage com o ambiente. É como se Alice pertencesse àquele lugar, mas, simultaneamente, não conseguisse adaptar-se a ele. Sua presença não é estranha a nenhum personagem, todos a tratam com tamanha familiaridade que, por vezes, chegam a ser ríspidos. Há um dito popular que diz: "Quanto mais próxima a pessoa é, mais fácil é sermos arrogantes com ela."

Apesar de Alice estar perplexa no meio de tamanha insensatez ao seu redor, ela não se paralisa e não aguarda que alguém venha salvá-la. Alice é extremamente corajosa durante todo o percurso: obstinada, mas destemida. Nada a intimida, por mais lúdica que seja a ambientação e os personagens que vão surgindo, ela não se amedronta. Pelo contrário, ela os enfrenta com coragem e ainda os refuta.

A obra é um manancial de reflexões. Cada capítulo é composto por uma história que nos instiga a refletir. Apesar de Alice ser uma obra na qual uma criança é a protagonista, ao analisá-la minuciosamente, é possível perceber metáforas com questões internas que surgem na vida adulta, como, por exemplo, o encontro de Alice com a lagarta, que lhe pergunta várias vezes: "Quem é você?". Essa pergunta é mais complexa do que parece, e Alice, como uma excelente protagonista, consegue respondê-la de maneira infantil, mas ainda assim lhe dá uma resposta.

As questões temporais em Alice também são pertinentes. Afinal, o que é o tempo? O tempo existe de fato? Em *Alice no País das Maravilhas*, há inúmeros desdobramentos que nos fazem questionar o tempo e o espaço. É comum o leitor se perder e retornar algumas páginas para se situar na história; às vezes, parece até que os capítulos são independentes. O espaço é extremamente mutável, e o tempo parece não passar. Alice não percebe isso de início, pois ela age como se todas as coisas que estão acontecendo quase simultaneamente fossem normais. É como se, no momento em que caiu na toca do coelho, o relógio tivesse parado de girar. O tempo cronológico parou para ver Alice cair e voltou somente depois que ela saiu do buraco do coelho.

O coelho é o senhor do tempo. O único que possui um relógio que funciona, se é que funciona de fato - aqui questionamos os limites da narrativa ficcional. Está sempre atrasado para seu compromisso; parece que seu relógio também parou e ele não consegue sair desse redemoinho de atraso. Mas, ainda assim, ele é uma figura que detém o tempo, o único que pode informar que horas são e o que deve ser feito em seguida, mas ele nunca o faz. Por que ele nunca o faz? Qual o objetivo de não haver essa passagem de tempo em *Alice no País das Maravilhas*? Talvez, se Alice fosse menos perspicaz, ficaria no País das Maravilhas para sempre. Nunca cresceria. Lewis Carroll tinha um apreço profundo por crianças. Fascinado pelo jeito e criatividade de Alice, talvez ele desejasse que o tempo nunca passasse para ela. Talvez quisesse vê-la criança para sempre e que o tempo fosse apenas um detalhe em todo seu percurso. Mas ele mesmo sabia da grandiosidade de Alice e que prendê-la não iria contê-la.

O tempo é uma questão intrigante. O encontro de Alice com o Chapeleiro torna-o ainda mais caótico. É confuso e provoca perplexidade no leitor. Alice, então, começa a questionar a passagem do tempo, não apenas no dia que está decorrendo, mas em toda sua vida. O Chapeleiro Maluco levanta essa questão, e ela, pela primeira vez, não consegue resolver algo que alguém lhe propõe.

Este trabalho busca explorar como o conceito de tempo foi entendido até a publicação de *Alice no País das Maravilhas* começando pela Grécia Antiga, onde surgiram os conceitos de tempo em Cronos e Kairós. Depois, na filosofia antiga, destacando pensadores importantes como Heráclito de Éfeso, Parmênides, Platão e Aristóteles. Em seguida, vamos examinar as visões modernas de tempo segundo Immanuel Kant e Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Essas diferentes perspectivas servirão de base para analisar como o tempo é retratado em *Alice no País das Maravilhas* e entender como ele afeta – ou não – os personagens do livro. As passagens em *Alice* podem ser vistas através dessas várias lentes, seja para confirmar ou desafiar essas ideias. É fundamental apresentar todas essas visões filosóficas no trabalho para obter uma compreensão ampla do que é o tempo e qual a sua influência dentro da narrativa, bem como qual é a noção de tempo presente no País das Maravilhas.

2. O TEMPO

O tempo é um dos conceitos mais enigmáticos e complexos da experiência humana. Ele não pode ser apenas condensado em dias, anos, meses... Há algo mais profundo na questão do tempo que simples nomenclaturas para defini-lo. Desde o passado, na Grécia, o ser humano busca controlar ou encontrar alguma lógica para explicar o que é o tempo. Filósofos e físicos têm se debruçado sobre sua natureza e implicações, mas nenhum deles tem uma resposta exata. Toda teoria pode – e é – questionada. Desde a antiguidade até os dias atuais, pensadores de diversas áreas têm explorado as concepções de tempo. Serão apresentadas teorias sobre o tempo segundo os filósofos mais relevantes até a época da publicação de Alice no país das Maravilhas.

2.1. O TEMPO NA MITOLOGIA GREGA: CRONOS E KAIRÓS

A Grécia Antiga foi o berço de conhecimento que é amplamente consultado até os dias atuais para teorias filosóficas e religiosas. O conceito de tempo ocidental nasce na Grécia Antiga com dois nomes: Cronos e Kairós. Cronos é um deus conhecido na mitologia, filho dos titãs Gaia e Urano, que nasceu com a missão de matar seu pai para que ele e seus irmãos pudessem governar. Apesar de ter alcançado esse feito, Cronos enfrentou um destino semelhante ao de seu progenitor: foi posteriormente derrotado por um de seus próprios filhos, Zeus, temendo ser substituído em termos de força e domínio.

O tempo de Crono é o tempo da consciência, do desenvolvimento da história, das etapas que representam a evolução. Os gregos consideravam também que o tempo de Cronos era como um juiz que revela a verdade em última instância, que provoca o esquecimento que cura (DE TONI, 2022, p. 32).

A representação de Cronos para os antigos gregos era muito forte, devido à sua história de devorar os filhos, ele se tornou uma figura representativa do princípio e do fim, pois tanto dava vida aos seus filhos quanto os matava. Pode-se pensar que Cronos não era apenas o senhor do tempo, mas também o devorador do tempo. “Assim, a partir desse mito, Cronos ou *chronos* era o nome atribuído ao “tempo dos homens”, ou seja, o tempo físico, cronológico, e que segue uma ordem com início e fim.” (SILVA, R.L. s/d. p. 3).

A outra concepção grega, que também possui uma interpretação cristã, é o Kairós. Ao contrário de Cronos, que representa uma questão cronológica, Kairós é um deus na mitologia grega, filho mais jovem de Zeus com Tykhe, conhecido por sua rapidez; uma vez que ele passava, era impossível capturá-lo ou trazê-lo de volta, ele era um instante. Sua simbologia foi entendida como o

"tempo de Deus" – ou dos deuses – e, além de ter uma representação personificada, é considerado uma virtude entre os outros deuses gregos.

Kairós difere dos outros deuses pois sua representação nem sempre está associada a uma imagem única, ao contrário. Ele pode ser visto na inteligência de Atena, no amor de Eros e no vinho de Dionísio. É um instante, fugaz e preciso que não pode ser medido, cuja medida não há métrica (DE TONI, 2022, p. 34).

Cronos é cabível de medir, contar, delimitar. O ser humano consegue dizer quando os fatos aconteceram. Porém, Kairós é sincrônico, é o *enquanto*: “está associado ao momento indeterminado em que algo especial e oportuno acontece, a um instante valioso no presente, de natureza qualitativa, não linear” (GAVIÃO, 2020, s/p). Ou seja, o tempo não é o mesmo para Cronos e Kairós. Ainda que ambos os conceitos nasçam na Grécia antiga, eles divergem no sentido de *quando/agora*. Isso porque, de um lado, temos a cronologia, que pode ser definida pelo homem e o devora incansavelmente; e, do outro lado, temos a sincronia, que nos atropela e nos surpreende num instante e que não está em nossas mãos.

2.2. O TEMPO SEGUNDO A FILOSOFIA ANTIGA: HERÁCLITO DE ÉFESO, PARMÊNIDES, PLATÃO E ARISTÓTELES.

Não foram apenas as histórias mitológicas que continham os questionamentos sobre o tempo. Os filósofos da Grécia Antiga também discorriam e tentavam obter respostas para definir o que é de fato o tempo e se ele realmente existe. Em virtude de terem poucos recursos tecnológicos, esses pensadores se utilizaram majoritariamente da cosmologia para defenderem e provarem suas teses, e cada uma possui sua complexidade e profundidade.

Vejam como cada pensador compreende a questão do tempo, a seguir.

2.2.1. HERÁCLITO DE ÉFESO

Heráclito foi um filósofo pré-socrático que baseou sua teoria no *devir*, que significa mudança constante. Ele compara o tempo com a infância: “Tempo é criança jogando, brincando. Reinado de criança” (HERÁCLITO. Fragmento 52 DK *apud* BITTENCOURT, 2011 p. 143). Pode-se pensar, então, que o tempo para Heráclito era leve e inocente, isso porque uma criança quando brinca apenas está no exercício da sua liberdade lúdica, está fadada a cometer erros e aprender com eles.

O tempo é puro transformar-se, é o puro conceito, o simples, que é harmônico a partir de absolutamente opostos. Sua essência é ser e não-ser, sem outra determinação (...) Não como se o tempo fosse e não fosse, mas o tempo é isto: no ser imediatamente não-ser e no não-ser imediatamente ser (...). No tempo não é o passado e o futuro, somente o agora; e este é, para não ser, está logo destruído, passado — e este não-ser passa, do mesmo modo, para o ser, pois ele é (SOUZA, 1996, p. 115).

Ou seja, o tempo é visto de maneira abstrata, ele não pode ser contado ou controlado, é apenas notado em suas constantes mudanças que podem ser observadas em todos os seres vivos. O tempo são momentos interconectados, em um fluxo contínuo e incessante. Um termo em grego arcaico que traduz todo esse pensamento de Heráclito é *Panta Rhei*, que significa que tudo está em fluxo. “O universo e todas as coisas estão em formação e mudança perpétua. A única realidade é a transitoriedade, é o estar se tornando” (FURCOLIN, 2018, s/p).

2.2.2. PARMÊNIDES

Parmênides também foi um filósofo pré-socrático que, ao morrer, deixou apenas um poema expondo seus pensamentos filosóficos. Parmênides acredita em um ser uno e imutável, ou seja, o ser não é divisível; logo, não existe um não-ser, porque só há aquilo que existe e o não-ser não é nada, ou seja, existe apenas a verdade que é o ser. "O que está fora do ser não é ser; o não-ser é nada; o ser, portanto, é um" (SOUZA, 1996, p. 130).

Com base nesse pensamento, não tem como o tempo fazer mudanças no ser, porque o ser é imutável. Nas palavras de Souza “ o ser tem de ser eterno, imóvel, finito, imutável, pleno, contínuo, homogêneo e indivisível” (SOUZA, 1996, p. 27). Logo, o tempo – para Parmênides – não existe, isso porque não há como o tempo ter qualquer influência de um ser que não implica nenhuma mudança. Esta concepção difere do pensamento de Heráclito, para quem uma mudança contínua não pode ser feita pelo tempo.

2.2.3. PLATÃO

Platão também foi um filósofo pré-socrático, e seu conceito de tempo está em seu diálogo *Timeu*. Ele define que o tempo foi criado por um Demiurgo perfeito, no processo de criação do universo.

Ora, quando o Pai que o engendrou compreendeu que se movia e vivia, esse Mundo, imagem nascida dos deuses eternos, rejubilou-se e, em sua alegria, refletiu sobre os meios de torná-lo ainda mais semelhante a seu modelo. E assim como esse modelo resulta ser uma alma imortal, esforçou-se, na medida de seu poder,

tornar imortal igualmente a esse todo. Ora, a substância da alma-modelo que era eterna, como vimos, e essa eternidade, adaptá-la inteiramente a um Mundo engendrado, era impossível. Por isso, seu autor preocupou-se em fabricar uma certa imitação móvel da eternidade, e, organizando todo o Céu, fez, da eternidade uma e imóvel, esta imagem eterna que progride segundo a lei dos números, isso a que chamamos de Tempo (PLATÃO 1981, p. 92 *apud* QUEIROZ, 2017, p. 87).

O tempo traz movimentação ao *mundo sensível*. Tudo é e se transforma porque o tempo interfere no mundo que o Demiurgo criou: “o Tempo não influenciou a origem do mundo, mas se este Tempo não tivesse sido criado não poderia haver o movimento, pois tudo está e ‘é’ por conta dele” (SILVA R. P., 2023, p. 33). Sobre o mundo sensível, podemos dizer que

O **mundo sensível** é o mundo dos fenômenos, é este mundo percebido pelos nossos sentidos, é o mundo da mudança, do movimento, das aparências, por isso é o mundo da doxa, que quer dizer opinião em grego, e, como sabemos, as opiniões podem ser contraditórias. Assim, o mundo sensível é um mundo ilusório, pois não passa de sombras do mundo inteligível. Por isso, tudo o que existe no mundo sensível seria uma cópia do seu verdadeiro conceito, este que existe no mundo das ideias (RODRIGUES, s/d, s/p).

Ou seja, o tempo surgiu com a criação do mundo no fazer do Demiurgo, que pôs tudo em ordem, e ele tenta imitar o mundo perfeito que está acessível somente a ele: o *mundo das Ideias*. É o tempo que determina a duração da vida e interfere nas criações. Ele constitui uma unidade só com o mundo sensível. Sobre o mundo das ideias podemos dizer que

o **mundo das ideias**, que também podemos chamar de mundo inteligível, é o mundo da permanência, das essências verdadeiras, das verdadeiras ideias de tudo aquilo que existe, existiu e existirá no mundo sensível. Este é o mundo da *episteme*, que quer dizer conhecimento em grego, pois seria no mundo inteligível é que estaria o conhecimento verdadeiro acerca de tudo, e no topo de todas essas ideias estaria a ideia do bem, que é a mais elevada em perfeição e a mais geral de todas (RODRIGUES, s/d, s/p).

2.2.4. ARISTÓTELES

Aristóteles fundamenta seu conceito de tempo na física, afirmando que o movimento deve ocorrer para que o tempo exista. É possível observar movimento em toda parte da natureza, portanto, é também possível observar sua mudança: “tempo é a quantidade de movimento segundo um antes e um depois” (Phys. 219 b1-2 *apud* SILVA C., s/d, s/p). Para Aristóteles, o tempo pode ser dividido em passado e futuro, e esses dois estão ligados por um *agora*. O agora é um tempo contínuo, mas dois agoras não podem coexistir. Por exemplo, não há possibilidade de o Império Romano existir na mesma época em que escrevo este trabalho. O Império Romano foi um *agora*; hoje, ele é passado, e o *agora* é este exato momento em que escrevo. Naquela época, esse momento seria o futuro – ele ainda nem existia. O passado e o futuro se entrelaçam neste agora, mas ele não se insere linearmente

na cronologia temporal, pois não podem coexistir dois agoras. É perceptível apenas este agora, pois, para Aristóteles, é imprescindível estar consciente para apreender o fluxo contínuo do tempo. “Se é verdade, por conseguinte, que o agora não é corrompido no agora sucessivo, mas em outro agora, ele existiria então em simultaneidade com os ilimitados agoras intermediários, porém isto é impossível” (PUENTE e BARACAT, 2014, p. 23 *apud.* BITENCOURT, 2016, p. 105).

2.3. O TEMPO SEGUNDO A FILOSOFIA MODERNA: IMMANUEL KANT E GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL.

Na filosofia moderna, houve algumas discussões sobre o que é o tempo e como ele interfere no mundo. Kant definia o tempo como uma estrutura fundamental da mente humana. E Hegel entende o tempo como um processo dialético e histórico, onde a realidade se desenvolve através de uma série de estágios ou momentos.

2.3.1. IMMANUEL KANT

Kant foi um filósofo moderno que tinha muito do empirismo em seus pensamentos filosóficos, e na questão temporal não é diferente. Kant define que o tempo é uma forma *a priori* da sensibilidade humana. Isso significa que o tempo não é uma propriedade objetiva do mundo externo, mas sim, uma condição necessária para a experiência possível. Kant argumenta que o tempo é uma estrutura subjetiva da mente humana que organiza nossas percepções sensoriais em uma sequência temporal. “O tempo não existe fora do espírito, isto é, constitui-se como uma forma de representação *a priori* da mente humana, sem a qual os objetos não seriam organizados numa ordem e sucessão.” (CARNEIRO, 2008, s/p).

O tempo aparece, então, como uma intuição pura da faculdade responsável pela receptividade dos objetos (sensibilidade), na medida em que somos afetados pelos mesmos. A sensibilidade é a "capacidade (receptividade) de obter representações mediante o modo como somos afetados por objetos" (KANT, 1987, *apud.* CARNEIRO, 2008, s/p)

Ou seja, o tempo é uma categoria fundamental da nossa percepção sensorial, moldando como percebemos e organizamos o mundo ao nosso redor, tudo isso por meio da sensibilidade humana.

2.3.2. GEORG WILHELM FRIEDRICH HEGEL

Hegel considera o tempo não apenas como uma sequência linear de eventos, mas como um processo dialético onde cada momento contém em si a contradição e a superação dos momentos anteriores, levando a uma síntese mais elevada.

Numa linguagem metafórica, o tempo em Hegel é como o Kronos que possuindo em si as séries temporais, as devora exatamente por não se determinar em particular e efetivamente por nenhuma delas, suprassumindo-as na digestão do descontínuo no contínuo (COSTA, ROSS, 2019, p. 8).

Hegel desenvolve sua filosofia baseada na história das outras filosofias, e dá o nome de “filosofia da história”, na qual introduz o conceito de Espírito Absoluto, que é quando diz respeito ao fato de a consciência de si estar junto a si no seu outro, se reconhecendo na natureza, na realidade e na história, tomando-os não como essências diferenciadas, mas como momentos seus (PERTILLE, 2021, s/p). Esse espírito se manifesta ao longo das épocas, e Hegel investiga como ocorre essa manifestação espiritual nas épocas anteriores. Cada período representa uma fase no processo de conhecimento e realização do Espírito, e durante esse processo há contradições e conflitos, que são superados por meio de dialéticas que surgiram durante o processo. Logo, o tempo não é apenas cronológico, ele também possui um conhecimento espiritual de experiências humanas.

3. ANÁLISE DO TEMPO EM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

O tempo em *Alice no País das Maravilhas* é importante desde o primeiro capítulo; a percepção de Alice sobre o tempo é subjetiva e influenciada por seu estado mental. A sonolência e a "burrice" causada pelo calor fazem com que suas reflexões sobre a compensação do trabalho de colher margaridas pareçam um exercício sem pressa. Este trecho sublinha como o tempo pode ser sentido de maneira diferente, dependendo das condições físicas e emocionais do indivíduo.

Refletia (tentava refletir, na verdade, pois o calor a deixava sonolenta e burra) se o prazer de montar uma guirlanda de margaridas compensava o trabalho de se levantar e colher as margaridas quando, de repente, um Coelho Branco com olhinhos cor-de-rosa passou correndo por ela (CARROLL, 2014, p. 36).

A introdução do Coelho Branco muda drasticamente a dinâmica temporal do parágrafo. O Coelho, com sua urgência ("Ai, ai! Ai, ai! Vou me atrasar"), traz uma nova sensação de pressa e importância ao cenário. A repetição de "Ai, ai!" serve como um marcador de tempo, introduzindo

uma sensação de correria que contrasta fortemente com a letargia inicial de Alice. Esse contraste sublinha a mudança abrupta na percepção do tempo por parte do leitor.

Não havia nada de *particularmente* extraordinário nisso; Alice sequer achou assim *tão* estranho ouvir o Coelho dizendo: “Ai, ai! Ai, ai! Vou me atrasar” (mais tarde, ao lembrar do episódio, chamou a conclusão de que deveria ter ficado espantada, mas, na ocasião, pareceu-lhe bastante natural). Porém, quando o Coelho *tirou o relógio do bolso do colete*, consultou as horas e saiu em disparada, Alice se levantou depressa, pois lhe ocorreu um lampejo que jamais vira coelho de colete, muito menos coelho com relógio no colete (CARROLL, 2014, p. 36).

O relógio, símbolo do tempo regulado, atua como catalisador da ação de Alice. Ao avistar o relógio, ela se ergue prontamente, marcando uma transição clara de um tempo subjetivo e dilatado para um tempo objetivo e urgente. Esse momento evidencia como a introdução de um marcador temporal concreto pode alterar drasticamente a percepção e a resposta a ele. Ao conectar a realidade temporal do Coelho com a marcação de tempo humana, podemos observar como o Tempo é uma força poderosa, capaz de ditar ações e destinos. O relógio do Coelho Branco serve como um lembrete tangível do tempo linear e controlado, compelindo Alice a agir e a seguir o Coelho. Tanto o relógio do Coelho Branco quanto Cronos destacam como o tempo pode ser um fator decisivo e transformador, moldando ações e influenciando o curso dos eventos. Contudo, essa percepção é sentida apenas por Alice, pois, para o Coelho, existe apenas o Caos.

Alice, movida por uma curiosidade insaciável, segue o Coelho Branco cegamente através do campo, ultrapassando uma cerca e precipitando-se em um buraco. A partir do instante em que ela cruza essa cerca, é como se adentrasse um plano alternativo, marcando uma mudança fundamental na sua percepção do tempo e na própria realidade. Neste novo domínio, as leis humanas do tempo e do espaço parecem dissolver-se, permitindo uma experiência onírica e surreal. A cerca torna-se uma fronteira simbólica entre o mundo familiar e o desconhecido, entre o tempo cronológico e o vivido de maneira intensamente subjetiva. A descida pelo buraco representa não apenas uma exploração física, mas também uma jornada metafísica, onde as dimensões do tempo se expandem e se contraem de maneiras imprevisíveis. Assim, a jornada de Alice não é apenas uma travessia espacial, mas uma imersão profunda em uma nova compreensão do tempo e da realidade.

Tomada de curiosidade, correu pelo campo e, por sorte, chegou a tempo de vê-lo passar por baixo de uma cerca e entrar numa grande toca.
E lá foi Alice, toca abaixo atrás do Coelho, sem parar um segundo para pensar como sair de lá depois (CARROLL, 2014, p. 36).

Essa transição marca o início das aventuras de *Alice no País das Maravilhas*, um lugar onde as leis do tempo são flexíveis e paradoxais. A passagem de Alice pela cerca pode ser interpretada como uma representação física da teoria de Heráclito sobre o tempo. No momento em que Alice cruza a cerca, ela transita do ser (a realidade familiar e estática) para o não-ser (um mundo de maravilhas e constantes transformações). Essa ação encapsula a essência do tempo conforme descrito por Heráclito: um fluxo contínuo e harmonioso de opostos. O País das Maravilhas, com suas mudanças imprevisíveis e suas realidades fluidas, torna-se um cenário ideal para ilustrar a visão heraclítica de que tudo está em constante movimento e transformação.

Quando Alice entra no buraco, ela passa por um túnel e logo depois cai em um poço. “A toca seguia reta como um túnel, mas um súbito declive (...) a lançou em queda livre no que parecia um poço muito fundo” (CARROLL, 2014, p. 36). Apesar de ser análogo ao ano de publicação do livro, esse túnel funciona como um buraco de minhoca¹, transportando a menina de uma realidade (a familiar) para outra (o País das Maravilhas) e a leva para um poço que Alice não consegue dizer se é fundo ou não. “Ou o poço era muito fundo, ou ela caiu muito devagar, pois teve tempo de sobra, enquanto caía, para examinar ao redor e antecipar o que estava por vir” (CARROLL, 2014, p. 36). Nesse momento, a perspectiva temporal se torna confusa para Alice: ela perdeu completamente o controle do tempo; embora mantenha consciência de sua passagem, Alice percebe que está caindo há bastante tempo, mas sem saber precisar há quanto: “‘Quantos quilômetros será que já cai?’, indagou em voz alta” (CARROLL, 2014, p. 37).

Segundo Kant, a sensibilidade é a “capacidade (receptividade) de obter representações mediante o modo como somos afetados por objetos” (Kant, 1987, p. 39, apud. CARNEIRO, 2008, s/p). A sensibilidade de Alice está aguçada pela intensidade da experiência física e emocional. Ela não apenas percebe o ambiente ao seu redor, mas também experimenta uma forma pura de intuição temporal, onde o tempo parece se estender e ela pode contemplar sua situação com clareza.

Quando Alice finalmente atinge o chão, o impacto é suave. A queda livre não a fez espatifarse; foi quase como se estivesse flutuando, “quando, de repente, PÁ!, aterrissou em um leito de gravetos e folhas secas. A queda chegara ao fim” (CARROLL, 2014, p. 38). Alice prontamente foi buscar o que a fez entrar na toca: o Coelho.

¹ Na física, um buraco de minhoca ou buraco de verme é uma característica topológica hipotética do contínuo espaço-tempo. Um buraco de minhoca possui ao menos duas “bocas” conectadas a uma única “garganta” ou “tubo”. Se o buraco de minhoca é transponível, a matéria pode “viajar” de uma boca para outra, passando através da garganta. : https://pt.wikipedia.org/wiki/Buraco_de_minhoca#:~:text=O%20termo%20buraco%20de%20minhoca,da%20energia%20do%20campo%20eletromagnético. Acesso em: 10-06-2024

À sua frente, havia um corredor comprido, e ela viu o Coelho Branco avançar apressado. Sem tempo a perder, Alice foi rápida como o vento, ainda a tempo (...). Ela estava logo atrás do coelho, mas, ao entrar pelo mesmo lugar que ele, perdeu-o de vista: chegou em um salão comprido e de teto baixo, todo iluminado por uma fileira de lustres pendentes (CARROLL, 2014, p. 38).

Esse é o primeiro momento em que Alice está em um cenário e depois muda de maneira abrupta. No País das Maravilhas, parece que as criaturas controlam o tempo para beneficiar a si mesmas, enquanto Alice, pertencente ao mundo humano, não compreende as regras dessa dinâmica temporal. Ela não sabe como utilizar o tempo a seu favor. Apesar de estar em um ambiente onde o tempo é flexível, sua abordagem ainda é linear.

A partir desse momento, Alice enfrenta alguns desafios. Primeiramente, depara-se com uma mesa de vidro sob a qual há uma pequena chave. Observando a sala inteira, ela avista uma porta minúscula, porém, sendo uma menina de tamanho grande, Alice não conseguiria atravessá-la.

Foi então que se deparou com a mesinha de três pés, toda feita de vidro, com apenas um único objeto sobre o tampo: uma pequena chave dourada. (...) Ao percorrer o espaço novamente, notou uma cortininha que não reparara antes, e eis que atrás dela havia uma porta pequenina (CARROLL, 2014, p. 38).

Então, ela vai em busca de algo que a faça encolher. Ao voltar para a mesinha, Alice encontra um frasquinho de vidro com a inscrição "beba-me": "Não adiantava muito ficar olhando pra portinha, então ela retornou à mesa (...) encontrou apenas uma garrafinha (...) com o rótulo pendurado no gargalo (...) **beba-me**" (CARROLL, 2014, p. 39). Subsequentemente, Alice encolhe, mas esquece a chave em cima da mesa. Então, ela precisa crescer novamente. Ao voltar à mesa, ela se depara com uma caixinha que continha um bolinho, e nessa caixinha estava escrito "coma-me". "Foi então que bateu os olhos em uma caixinha de vidro sob a mesa: ao abri-la, viu que seu interior guardava um bolo muito miúdo, com a instrução: **coma-me**" (CARROLL, 2014, p. 42). Por fim, Alice passa um bom período nesse ciclo de crescimento e encolhimento, tempo o bastante para que o cenário ao seu redor se transforme.

Passado um tempo, ela ouviu um ruído de passos a distância e secou os olhos depressa para ver quem se aproximava. Era o Coelho Branco que regressava, regamente vestido, com um par de luvas de pelica em uma das mãos e um leque na outra. Caminhava apressado, resmungando: "Ai, ai, a Duquesa vai ficar uma fera se estiver me esperando!" (CARROLL, 2014, p. 44).

Há poucas páginas, Alice estava em um salão comprido que não tinha nada além de uma mesinha e uma mini porta escondida. Agora, o Coelho Branco apareceu novamente. Percebe-se que,

toda vez que o Coelho Branco aparece para Alice, há uma mudança de cenário e uma ruptura temporal. Alice gasta muito tempo tentando entender o que a cerca, enquanto o Coelho está sempre atrasado. Mas afinal, quão atrasado está esse Coelho? Parece que, apesar da sua ansiedade e preocupação, ele não está mais que cinco minutos atrasado, pois tem todo o tempo para vagar à vontade e até mesmo ajustar suas complicadas roupas. Isso destaca claramente a diferença entre o tempo do Coelho e o de Alice.

As teorias de Hegel não poderiam ser aplicadas nessa questão de tempo do Coelho, isso porque as mudanças de cenário e de fase na presença do Coelho Branco são mais arbitrárias e caóticas, sem uma lógica dialética clara. Elas representam uma fluidez do tempo que é mais caótica e imprevisível. E Hegel diz que o tempo é um processo ordenado e racional que conduz ao desenvolvimento e à evolução, que é estudado por meio do Espírito Absoluto, através do qual o homem consegue compreender a sua realidade e contar o tempo. Também não se aplicariam as teorias de Kant, pois “Segundo Kant (1987, p. 44): ‘Ele possui uma única dimensão: diversos tempos não são simultâneos, mas sucessivos (assim como diversos espaços não são sucessivos, mas simultâneos)’” (KANT, 1987, *apud.* CARNEIRO, 2008, s/p).

Em resumo, o tempo do Coelho não pode ser enquadrado em nenhuma definição humana de tempo. Pode-se dizer que a passagem do tempo para o Coelho é caótica. Ele vive no caos, na desordem, mas ao mesmo tempo tudo é muito ordenado para ele. Sempre está atrasado, sempre apressado com coisas a fazer, mas ainda assim consegue cumprir tudo o que se propõe e não se atrasar. O Coelho Branco é dono do seu tempo, consegue modificá-lo, alterá-lo e adaptar-se a ele. Consegue transitar entre diferentes espaços, passando de um cenário para outro sem qualquer incongruência. O tempo do Coelho é o seu próprio tempo, ele molda sua própria temporalidade. Isso contrasta com os humanos que, segundo todos os argumentos dos filósofos aqui expostos, não podem controlar o tempo, mas são afetados por ele de alguma maneira.

Como de praxe, o Coelho some novamente, e outros eventos acontecem com Alice naquele mesmo espaço onde ela caiu. Perceba que, até esse momento, Alice não teve um deslocamento que faça algum sentido. Ela sempre é levada de um lugar para o outro, mas sem nenhum tipo de explicação sobre como o cenário é mutável. Nesse momento em que o Coelho some, Alice ainda está no mesmo processo de crescer e encolher. Chega um momento em que ela está gigante, e fica triste, começando a chorar: “ ‘Mas poxa vida!’, exclamou e desatou a chorar de repente, ‘Como gostaria que enfiassem a cabeça na toca! Não *aguento* mais ficar aqui sozinha!’ ” (CARROLL, 2014, p. 47). Com essa choradeira toda, Alice inunda o espaço em que ela está e acaba sendo levada pela correnteza, para

outro espaço: “ ‘Eu não devia ter chorado tanto!’ , lamentou Alice enquanto nadava tentando encontrar uma saída” (CARROLL, 2014, p. 48). Após passar por essa situação, Alice enfrenta diversas outras, em que o ambiente ao seu redor se altera, evidenciando a mutabilidade e o caos do espaço e do tempo em que se encontra.

No capítulo 3 de *Alice no País das Maravilhas*, a protagonista encontra-se à margem de um rio na companhia de alguns animais que surgem de maneira súbita, e esse lago se forma a partir de suas próprias lágrimas. Assim, mesmo não sendo uma habitante nativa do País das Maravilhas, Alice consegue interferir diretamente no cenário, provocando um impacto que pode afetar a todos: “O grupo reunido na margem eram, de fato, peculiar: as aves com plumagem encharcada, os mamíferos com o pelo ensopado; todos pingando, mal-humorados” (CARROLL, 2014, p. 51). Alice é uma completa estranha no ambiente, porém, ao mesmo tempo, é íntima de todos. Os personagens tratam Alice como se ela já fizesse parte daquele mundo, mas, mesmo assim, ela não consegue ter a mesma maleabilidade de flexionar o tempo como os outros. Ela segue perdida, sendo atravessada pelos acontecimentos. Todos os integrantes desse grupo estavam molhados devido à surpresa de um lago se formando do nada. Então, o Dodô teve a brilhante ideia de criar um "Comitê Corressecalista", termo por ele inventado, que consistia em correr até que todos se secassem. Quem corresse mais rápido ganharia um prêmio, e de repente Alice foi incumbida de entregá-lo.

“... a melhor maneira de nos secarmos seria instituir um Comitê Corressecalista.” (...)Primeiro, ele demarcou a pista de corrida circular (...), depois posicionou todos espalhados pela pista. (...) puseram-se a correr de qualquer jeito, paravam quando bem entendiam, sem que ninguém soubesse ao certo quando a corrida chegara ao fim. No entanto, após aproximadamente meia hora, quando estavam já bem secos, o Dodô anunciou o término da corrida e todos se reuniram ao seu redor, perguntando, ofegantes: “Quem venceu?” (...) Por fim, o Dodô declarou: “*Todos venceram, e todos merecem prêmios*”.

“Mas quem dará os prêmios?” (...) “Ora, *ela*, é claro”. Respondeu o Dodô, apontando para Alice. (...) Alice, sem a menor ideia de como iria se arranjar, botou aflita a mão no bolso, sacou uma caixinha de balas, (que, por sorte, não tinha sido danificada pela água salgada) e das distribuiu como prêmios. (...)” (CARROLL, 2014, p. 53-55).

Alice é convocada a dar um jeito na situação de forma natural, pois os personagens a veem como alguém do meio deles. Podemos fazer uma análise temporal dessa parte do livro, uma vez que os personagens se encontram num local específico, para uma reunião de grupo, ambiente este que se transforma em uma pista de corrida, para que todos pudessem se secar. O caos os envolve, o ambiente elástico muda e todos os que estão presentes nele acompanham essa mudança. Não há nenhum tipo de estranhamento entre os personagens e a mudança contínua e caótica do ambiente.

No final do capítulo 3 e início do capítulo 4, há outra aparição do Coelho Branco, causando no ambiente mais uma mudança de espaço e tempo. O Coelho é quase como uma entidade temporal

e espacial, ele é o dono das mudanças frequentes que estão em volta de Alice. Ele sempre consegue encontrar um caminho que o enderece para ela e a transporte para outro espaço e tempo. Esse jeito do Coelho lidar com o tempo e espaço é diferente da concepção de Kant:

É, portanto, indubitavelmente certo e não apenas possível ou provável que o espaço e o tempo, como condições necessárias de toda experiência (externa e interna), são condições meramente subjetivas de toda a nossa intuição, em relação às quais, portanto, todos os objetos são simples fenômenos e não coisas dadas por si deste modo (CRP, B, 66, *apud*. SOUZA, 2005, p. 2).

Para Kant, a mudança do tempo e espaço acontece através da perspectiva humana. O Coelho Branco molda tudo a seu redor, não somente a partir de suas experiências, sob sua perspectiva, mas também faz tudo ficar diferente para Alice. Por isso, ele é como uma entidade temporal e espacial, consegue modificar todo o cenário apenas com sua presença.

Não muito depois, tornou a ouvir som de passos a distância. (...) Era o Coelho Branco, refazendo lentamente seus passos e olhando para o chão ao redor, como se tivesse perdido algo. (...) Alice logo adivinhou que ele procurava o leque e o par de luvas de pelica e, muito solícita, pôs-se a procurá-los de bom grado (...) depois que nadara no lago, o ambiente mudara por completo, e o grande salão, com a mesa de vidro e a portinha, havia desaparecido (CARROLL, 2014, p. 58-59).

Alice está prestes a mudar de ambiente de novo. Ela percebe que houve muitas transformações desde que caiu na toca do Coelho, porém, as mudanças são tão abruptas que ela não consegue raciocinar claramente e refletir sobre tudo o que está ocorrendo. Quando surge a oportunidade de ela começar a ponderar sobre essas mudanças, o Coelho interrompe seus pensamentos e chama sua atenção. “O Coelho logo notou a presença de Alice, também em busca dos objetos perdidos, e gritou em tom irritado: ‘Ei, Mariana, o que você está fazendo aqui? Volte imediatamente para casa, e traga-me depressa um par de luvas e um leque! Vá, ande logo!’ ” (CARROLL, 2014, p. 59). Nota-se que o Coelho, além de ser modificador do tempo e do espaço, também funciona como o guia de Alice. É ele quem a instrui a ir aos lugares, quem controla seus passos.

No início do capítulo 4, Alice muda de cenário totalmente. Ela sai de uma margem de lago e vai para a casa do Coelho. “Nesse exato momento, deparou-se com uma casinha muito ajeitada, em cuja porta havia uma placa de bronze, tinindo de tão limpa, com o seguinte nome gravado: ‘COELHO B.’ ” (CARROLL, 2014, p. 60). Só pelo fato de a placa de bronze estar limpinha é possível pensar que o cenário não é mais de um lago, mas sim, de um local bem cuidado, onde há trânsito de personagens, algo como uma vila residencial.

No desfecho do capítulo 4, Alice finalmente deixa a casa do Coelho e encontra um personagem que a leva a questionar a si mesma: a Lagarta.

mas ela deu no pé e correu o mais rápido possível, até estar sã e salva no meio da mata cerrada. (...) Ao lado havia um volumoso cogumelo, quase da sua altura. Depois de olhar embaixo, dos lados e atrás dele, ocorreu-lhe que podia olhar em cima. (...) e se deparou com uma imensa lagarta. Estava sentada de braços cruzados, fumando calmamente um comprido narguilé, alheia à presença de Alice e de tudo mais que a cercava (CARROLL, 2014, p. 66;69).

Esse encontro altera a percepção de Alice tanto sobre o mundo das maravilhas quanto sobre si mesma. No capítulo 5, algumas passagens evidenciam a discrepância entre a percepção de tempo de Alice e a das criaturas do País das Maravilhas. A Lagarta é a única criatura que não tem familiaridade com Alice, tratando-a com o estranhamento esperado, dado que ela é diferente de todos os outros seres presentes no País.

Lagarta e Alice entreolharam-se em silêncio. (...) a Lagarta tirou o narguilé da boca e perguntou com a voz lânguida e sonolenta: ‘Quem é você?’. (...) Alice, meio tímida, respondeu: ‘No momento não sei muito bem, senhor. Até sabia quem eu era quando acordei hoje cedo, mas acho que mudei várias vezes de lá pra cá’ (CARROLL, 2014, p. 71-72).

Vejamos que, para Alice, o tempo continua passando de maneira normal, ela ainda tem a noção de que acordou pela manhã e esse tempo passou. Mas, percebamos que, até agora, não houve nenhuma marcação de dia, tarde ou noite em toda narrativa. Porém, Alice segue uma definição de tempo humana, cronológica, que pode ser contada, e não a caótica, e isso causa estranhamento na Lagarta. “‘O que quer dizer com isso?’, indagou a Lagarta, seríssima. ‘Explique-se!’” (CARROLL, 2014, p. 72). Ambas não se entendem, a Lagarta não entende como Alice vê o tempo e Alice não entende como a Lagarta não consegue compreender essa passagem de tempo.

“Além do mais, ter vários tamanhos diferentes em um só dia é muito confuso.”

“Não é, não”, discordou a Lagarta.

“Bem, talvez o senhor não pense assim ainda”, disse Alice, “mas, quando se transformar em crisálida – o que vai acontecer um dia, sabe – e depois em borboleta, aposto que vai sentir meio esquisito também, não é mesmo?”

Nem um pouco”, disse a Lagarta. (CARROLL, 2014, p. 72)

Alice tenta explicar à Lagarta como funciona a passagem de tempo para ela, e como crescer e diminuir lhe causa uma confusão imensa. Mas, como a passagem de tempo no País das Maravilhas é caótica, a Lagarta é incapaz de compreender a questão cronológica que Alice está apresentando.

Nesse encontro com a Lagarta, fica claro como o tempo no País das Maravilhas é diferente do tempo no mundo humano. Nenhuma definição descrita nesse trabalho sobre o que é o tempo se encaixa na forma com que as criaturas no mundo das maravilhas contam seu tempo; além do Coelho Branco, ninguém marca um tempo, um período, ninguém sente o tempo, também. As coisas simplesmente ocorrem, as criaturas apenas existem, não há preocupações com o devir.

Após o encontro com a Lagarta, inicia-se o capítulo 6. Neste capítulo, enquanto caminha pela floresta, Alice depara-se com uma casinha. Ao se aproximar, observa um Sapo-Lacaio conversando com um Peixe-Lacaio, discutindo sobre o convite da Rainha para a Duquesa participar de um jogo de croqué.

O Peixe-Lacaio sacou do sobaco uma longa missiva que tinha quase o seu tamanho e entregou ao outro. Disse em tom solene: “Para Duquesa. Um convite da Rainha para jogar croqué.” (...) Ambos fizeram reverência e, no gesto, seus cachos se enroscaram. (...) Peixe-Lacaio havia partido e o outro estava sentado no chão, perto da porta, olhando beócio para o céu. Aproximou-se timidamente e bateu à porta. “Não adianta nada bater”, disse o Lacaio, “e por dois motivos. Primeiro, porque estou do mesmo lado da porta que você; segundo, porque lá dentro estão fazendo tanto barulho que ninguém vai te escutar (CARROLL, 2014, p. 81-82).

No mundo humano, uma notícia vinda de uma Rainha seria transmitida imediatamente à Duquesa, sem rodeios. No País das Maravilhas, entretanto, o Lacaio recebe o recado e senta-se para descansar, sem pressa para repassar a mensagem e cumprir suas tarefas. Assim, não importa quando essa informação chegará à Duquesa, já que não há indicação de horário para o jogo de croqué.

Alice ignora o Lacaio e decide entrar na casa. Lá dentro, moram a Duquesa, um bebê, uma cozinheira e um gato. Entre esses personagens, o mais importante é o Gato de Cheshire, cuja aparição leva Alice até o Chapeleiro. Eventualmente, Alice deixa a casa devido à enorme confusão que ali reina.

O ar, de fato, estava impregnado de pimenta. Até mesmo a Duquesa espirrava de vez em quando. Já o bebê alternava espirros com uivos, sem descanso. (...) Enquanto tentava escolher outro tema, a cozinheira tirou o caldeirão de sopa do fogão e atirou tudo o que estava ao seu alcance em cima da Duquesa e do bebê (CARROLL, 2014, p. 84-85; 87).

Quando estava no meio da floresta, Alice encontrou o Gato de Cheshire. Este gato tem quase a mesma função do Coelho Branco; a diferença é que o gato apenas mostra dois caminhos para Alice. Ele não é o guia, mas um direcionador.

“Poderia, por gentileza, me dizer para onde devo ir?”
Isso depende de aonde quer chegar”, respondeu o Gato.

Tanto faz...”, disse Alice.
 Então, qualquer caminho serve.” (...) “Que tipo de gente mora por aqui?”
 Naquele lado”, respondeu o Gato, esticando a pata direita, “mora um Chapeleiro. E naquele”, apontou com a para esquerda, “uma Lebre de Março. Tanto faz visitar um ou outro: os dois são malucos” (CARROLL, 2014, p. 88-89).

Nos questionamentos de Alice para o Gato, podemos perceber que ela não tem noção clara de para onde está indo ou quanto tempo já passou. A resposta do Gato de Cheshire, indicando que qualquer caminho serve, reforça que, no País das Maravilhas, não há tempo linear ou objetivo. O Gato, assim como todos os personagens citados até o momento, tem consciência de que não há sentido em procurar sentido; eles apenas seguem um fluxo caótico em que as coisas vão acontecendo.

Alice, movida pelo espírito de curiosidade que tem dentro de si, decide ir pelo caminho onde mora a Lebre de Março. Ela estava farta das maluquices que aconteceram durante o dia, então decidiu que, como estava em maio, não tinha como a Lebre estar tão maluca:

após uns minutos decidiu caminhar na direção em que ele lhe dissera que morava a Lebre de Março. “Já vi chapeleiros antes, e a Lebre de Março parece muito mais interessante. Além do mais, estamos em maio, então é possível que não esteja tão maluca quanto em março” (CARROLL, 2014, p. 91).

Essa percepção de Alice, segundo a qual a Lebre não está tão maluca, só funciona para a protagonista. Pelo que parece, no País das Maravilhas, não há contagem de tempo. A referência de Alice aos meses ilustra a tentativa de impor uma estrutura temporal familiar a um mundo onde tal estrutura não se aplica.

No final do capítulo 6, Alice encontra a casa da Lebre de Março: “Não muito distante, avistou a casa da Lebre de Março;” (CARROLL, 2014, p. 92). O capítulo 7 inicia com Alice chegando no jardim da casa da Lebre. Esse capítulo tem como título “Chá com gente doida”. O que seria a loucura? Loucura é aquilo que foge da compreensão do outro, e é isso que acontece nesse capítulo. Alice não consegue entender a posição da Lebre de Março e do Chapeleiro em relação a muitas coisas, mas principalmente ao Tempo. Chegando no jardim da Lebre, Alice encontra uma mesa de chá posta.

A mesa estava posta sob uma árvore, na frente da casa: a Lebre de Março e o Chapeleiro tomavam chá. Havia entre eles o Arganaz (...). Embora a mesa fosse enorme, os três estavam agrupados em um dos cantos (CARROLL, 2014, p. 93).

Alice chega em um momento de confraternização entre o Chapeleiro e a Lebre, mas logo se dá conta de que não é bem-vinda: “ ‘Não tem espaço! Não tem espaço!’ , gritaram quando viram Alice se aproximar” (CARROLL, 2014, p. 93). Diferente dos outros ambientes em que Alice passou, essas

personagens a viram como uma intrusa. Não podemos estabelecer uma comparação com o episódio do encontro de Alice com a Lagarta, porque a Lagarta vê Alice como uma estranha, e não como uma intrusa. Nesse capítulo 7, a protagonista é tratada como burra e sem educação.

“Tome um pouco de vinho”, encorajou a Lebre de Março. (...) “Não estou vendo nenhum vinho”, comentou ela.

“É porque não tem”, disse a Lebre de Março.

“Não foi muito educado da sua parte oferecer”, retrucou Alice irritada.

“E não foi nada educado da sua sentar à mesa sem ter sido convidada”, rebateu a Lebre de Março (CARROLL, 2014, p. 93-94).

O chapeleiro arregalou os olhos ao ouvi-la, porém limitou-se a dizer: “O que um corvo tem em comum com uma escrivanhinha?”. (...)Então respondeu em voz alta: “Acho que consigo adivinhar”.

“Quer dizer que acha que consegue descobrir a resposta?”, perguntou a Lebre de Março.

“Exatamente”, respondeu Alice.

“Então deveria dizer o que acha”, prosseguiu a Lebre de Março.

“Sim”, retrucou Alice, “pelo menos acho o que digo. O que dá no mesmo, não é?”

“De jeito e maneira!”, respondeu o Chapeleiro. “Assim como dizer ‘vejo o que como’ não é o mesmo de dizer ‘como o que vejo!’ (...) ‘Dá no mesmo pra *você*’”, disse o Chapeleiro encerrando a conversa (CARROLL, 2014, p. 95).

No primeiro trecho, a Lebre de Março imediatamente acusa Alice de ser mal educada por sentar-se sem ser convidada, colocando-a na defensiva. Este é um exemplo de manipulação para fazer Alice parecer culpada. No segundo trecho, quando Alice tenta responder a uma pergunta de adivinhação proposta pelo Chapeleiro, sem nexos algum, (“O que um corvo tem em comum com uma escrivanhinha?”), suas respostas são rapidamente criticadas e desvalorizadas pela Lebre de Março e pelo Chapeleiro. Nesses trechos, a maneira como os amigos interagem com Alice destaca um tratamento depreciativo. Eles usam sarcasmo, ironia e manipulação para fazer Alice parecer confusa, mal educada e inferior. Esse tratamento sublinha a sensação de desorientação e a luta de Alice para navegar no mundo ilógico e caótico do País das Maravilhas.

O Coelho é o detentor do tempo no Mundo das Maravilhas, ele carrega o relógio consigo e consegue modificar o tempo à sua volta, mas nesse capítulo há outra aparição de um relógio. “Que dia do mês é hoje? perguntou, virando-se para Alice. Ele sacara o relógio do bolso e o contemplava apreensivo, sacudindo-o de vez em quando e o levando ao ouvido” (CARROLL, 2014, p. 95). Apesar de o relógio aparecer, o Chapeleiro, diferentemente do Coelho, não tem nenhum controle sobre o tempo; ele vive em um estado de desordem temporal, sem conseguir entender ou controlar adequadamente a passagem do tempo. Isso causa nele uma grande frustração e, talvez por isso, a loucura se instaurou em seus dias. Essa frustração não é somente do Chapeleiro, mas também da Lebre de Março. “A Lebre de Março puxou o relógio e o fitou, melancólica. Mergulhou-o em seu chá

e reexaminou-o” (CARROLL, 2014, p. 95). A falta de controle de tempo deixa esses dois personagens desconcertados, eles vivem em busca de um controle que não podem ter, pois estão em um mundo caótico e as leis do tempo estão todas na mão do Coelho Branco.

O Chapeleiro parece ter sido detentor do tempo um dia, pois ele sabe muito sobre como funcionam as mecânicas temporais no País das Maravilhas. Nessa passagem, pode-se levantar a hipótese de que o seu relógio, que agora está ruim, um dia fora o relógio que controlava o tempo no País das Maravilhas.

“Que relógio engraçado!”, comentou ela. “Mostra os dias do mês, mas não as horas!”
 “E por que deveria?”, resmungou o Chapeleiro. “Por acaso *seu* relógio mostra o ano?”
 “Claro que não”, respondeu prontamente Alice, “mas o ano continua sendo o mesmo por um bom tempo.”
 “Mesmo motivo pelo qual o *meu* não mostra as horas”, disse o Chapeleiro (CARROLL, 2014, p. 96).

Nesse trecho, o Chapeleiro parece retornar à consciência e sair do seu estado de loucura. Alice sempre reforça seu pensamento sobre o tempo, ela segue o conceito de tempo cronológico, considera os dias, horas, meses e anos, porém, dá mais valor às horas. Talvez isso se dê porque ela ainda seja uma criança e não tenha um pensamento mais filosófico sobre o tempo. O Chapeleiro, porém, parece conhecer outras filosofias temporais e, antes de mergulhar no caos do Mundo das Maravilhas, é possível levantar a hipótese de que ele pensava o tempo como Hegel. Ele não vê o tempo apenas como cronológico, mas a partir de experiências; respeita o tempo como se fosse uma entidade e o experientia. Apesar de estar no País das Maravilhas, o Chapeleiro é um humano e pode certamente ter chegado a esse lugar e se perdido, ficando preso; então, ele pode ter tido contato com as filosofias humanas sobre o tempo.

“Já adivinhou a charada?”, perguntou o Chapeleiro para Alice.
 “Não, desisto”, respondeu ela. “Qual a resposta?”
 “Não faço a menor ideia”, respondeu o Chapeleiro. (...) “Acho que vocês deveriam fazer algo melhor com o tempo”, disse, “do que desperdiçá-lo com charadas sem respostas.”
 “Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu”, disse o Chapeleiro, “não falaria sobre ele, e sim *com* ele” (CARROLL, 2014, p. 96).

O fato de o Chapeleiro admitir uma proximidade com o Tempo faz a hipótese de ele ter sido detentor do tempo no passado ser reforçada, pois não há como conhecer tanto o Tempo sem que houvesse com ele uma proximidade lógica anterior. Outra passagem no texto que reforça esse argumento se dá no momento em que o Chapeleiro explica para Alice sobre o fato de o Tempo não poder ser controlado.

“Não entendo o que você quer dizer com isso”, disse Alice.
 “Evidentemente!”, exclamou o Chapeleiro, abanando a cabeça com desdém. “Acho que nunca sequer falou com o Tempo!”
 “Talvez não”, respondeu Alice, com cautela, “mas sei que preciso marcá-lo quando estudo música.”
 “Então tá explicado!”, disse o Chapeleiro. “Ele não suporta ninguém marcando em cima dele. Ora, quando se tem um bom relacionamento com o Tempo, ele permite que se faça praticamente tudo o que quiser com as horas. Por exemplo, imagine que são nove horas da manhã, hora de começar as aulas. Você só teria que dar a deixa para o Tempo e o relógio avançaria num piscar de olhos! Quando você olhasse de novo, já marcaria uma e meia da tarde, bem na hora do almoço!” (CARROLL, 2014, p. 96–97).

E para pôr fim às dúvidas, o Chapeleiro fala para Alice que sim, ele era um controlador do tempo, ele é quem movia o tempo no País das Maravilhas; mas, por uma insatisfação da Rainha de Copas, ele perdeu essa função.

“É assim que *você* faz?”, indagou Alice
 O Chapeleiro sacudiu a cabeça, entristecido. “Não mais!”, respondeu ele. “Brigamos março passado, um pouco antes de *ele* ficar maluco”. Ele apontou a colherinha de chá para Lebre de Março. “Foi no grande concerto oferecido pela Rainha de Copas e eu tinha que cantar (...) Bom, mal tinha terminado o primeiro verso”, contou o Chapeleiro, “quando a Rainha pulou e berrou “Ele está matando o tempo! Cortem-lhe a cabeça” (...) “Desde então”, prosseguiu o Chapeleiro em tom de lástima, “ele nunca mais atendeu meus pedidos! É sempre seis da tarde” (CARROLL, 2014, p. 97-98).

Com base nessa passagem do texto, podemos levantar a hipótese de que, após o Chapeleiro ter sido humilhado em público, a Rainha passou para o Coelho Branco a função de controlar o tempo. Mas, como o Coelho é ansioso, ele tornou o tempo no País das Maravilhas algo caótico e sem marcação. A prova de que não há uma marcação é que o relógio do Chapeleiro parou às seis da tarde, que coincide com a hora do chá, e isso deixou o Chapeleiro louco. “É”, suspirou o Chapeleiro. “Está sempre na hora do chá, (...)” (CARROLL, 2014, p. 98).

Eventualmente, Alice sai do jardim da Lebre de Março, devido à grosseria com que a trataram. “Então fique quieta”, disse o Chapeleiro. A grosseria foi a gota d’água para Alice, que, revoltada, se levantou e foi embora (CARROLL, 2014, p. 101). No final deste capítulo, Alice, andando pela floresta, consegue achar o caminho de volta para a sala em que estava quando caiu na toca do Coelho Branco. Novamente, temos os espaços modificando-se ao redor de Alice. Dessa vez, mais experiente e esperta, ela consegue controlar exatamente o seu tamanho para conseguir passar pela porta e ir para o jardim. “Vou escolher melhor agora”, disse ela para si mesma (...). Avançou mordiscando o cogumelo, (guardara um pedacinho no bolso) (...). Então, *finalmente*, descobriu-se no lindo jardim, cercada por leitos de flores e chafarizes (CARROLL, 2014, p. 102).

No capítulo 8, não há muitas questões relevantes sobre o tempo, mas vale ressaltar a presença de personagens que serão importantes ao longo da narrativa, e explicar o porquê do atraso do Coelho

Branco. Nesse capítulo, Alice descobre que esse jardim pertence a uma monarca autoritária e impaciente: A Rainha de Copas. A Rainha ficou vermelha de ódio e, após encarar Alice como uma fera, berrou: “Cortem-lhe a cabeça! Cortem...” (CARROLL, 2014, p. 106). O Coelho Branco é um Arauto na corte real, ele estava atrasado para anunciar o cortejo real e o jogo de croqué.

No capítulo 11, Alice é levada a um tribunal, pois está acontecendo um julgamento do Valete de Copas, que está sendo acusado de ter roubado a torta da Rainha. Alice vai se irritando com a falta de lógica ao seu redor e, a partir desse momento, começa a sua queda no País das Maravilhas. Alice tenta impor sua lógica humana em um tribunal no País das Maravilhas, e acaba se frustrando com isso. O processo judicial é caótico e absurdo, com pouca consideração pelo tempo cronológico ou pela lógica processual. A falta de sentido cronológico no julgamento reflete a falta de sentido temporal em todo o País das Maravilhas.

“Arauto, leia a acusação!”, ordenou o Rei. O Coelho Branco soprou a corneta três vezes, desenrolou o pergaminho e leu (...) “Anunciem seu veredicto”, disse o Rei aos jurados.
 “Ainda não, ainda não!”, interrompeu-o depressa o Coelho. “Falta muito ainda!” (CARROLL, 2014, p. 136-137).

O Chapeleiro é chamado para dar o seu depoimento e ele traz consigo uma noção temporal; é o único, além do Coelho, naquele recinto, que detém e que conta o tempo, enquanto os outros não parecem se importar com isso. A relação do Chapeleiro para com o tempo é estagnada, pois ele não consegue sair daquele marco temporal.

“Perdão, vossa majestade”, disse, “por entrar aqui de mãos cheias. Acontece que estava no meio do meu chá quando fui convocado para depor.”
 “Deveria ter terminado primeiro”, disse o Rei. “Quando começou?”
 “Quatorze de março, acho eu”, respondeu ele (CARROLL, 2014, p. 138).

Após os depoimentos do Chapeleiro e da Cozinheira, Alice é convocada para depor. Como no início do livro, o Coelho Branco muda o quadro de Alice e causa a movimentação do destino dela dentro do País das Maravilhas. Alice observou o Coelho Branco correr os olhos pela lista, curiosa para saber quem seria a próxima testemunha convocada. (...) Imaginem qual a sua surpresa quando o Coelho Branco bradou com voz esganiçada a plenos pulmões o nome: “Alice!” (CARROLL, 2014, p. 142).

Nesse momento, o efeito do encolhimento de Alice estava passando, ou seja, ela já estava grande e ficando sem paciência com todos no tribunal. “Aqui!”, exclamou Alice, esquecendo-se, no calor do momento, do quanto havia crescido nos últimos minutos, levantou-se tão afoita que derrubou

a bancada do júri” (CARROLL, 2014, p. 143). As criaturas no País das Maravilhas estavam ficando sem tempo; era Alice que controlava a cena agora. Ela estava no controle de si mesma e da situação em que se encontrava. Ao contrário de todo o resto do tempo em que o País das Maravilhas a levava de um lado para o outro, agora ela estava tomando as rédeas de si mesma.

“O julgamento não pode continuar”, declarou o Rei, (...) “até que os jurados estejam todos de volta aos seus lugares... (...)”. Alice olhou para a bancada e notou que, na pressa, colocara o Lagarto de cabeça para baixo (...). Ela se apressou para corrigir o erro e o restabeleceu de pé, “não que faça muita diferença”, pensou consigo mesma, “pois, levando em consideração sua atuação no julgamento, tanto faz estar de um jeito ou de outro” (CARROLL, 2014, p. 143-144).

A falta de sentido começa a incomodar Alice; ela fica entediada e seu comportamento começa a perturbar as criaturas ao seu redor. Ela é convocada a sair do tribunal, pois não está seguindo na mesma direção que eles, mas ela se recusa a fazê-lo. Acontece que Alice está aplicando a filosofia de seu tempo e espaço, a filosofia humana, no País das Maravilhas. “Regra 42: Todas as pessoas com mais de um quilômetro de altura devem se retirar do tribunal”. Todos olharam pra Alice. “Bem, seja como for, não vou sair daqui”, disse Alice (CARROLL, 2014, p. 145).

Apesar da teimosia de Alice, o País das Maravilhas é um lugar que segue uma sequência de tempo única, é preciso respeitar o espaço e o tempo em que o país se molda, caso contrário há duas opções: a primeira é perder a sanidade e parar no tempo, assim como o Chapeleiro; a segunda é ser expulsa do País das Maravilhas, pois não é bem-vindo e agradável. Por sorte, à Alice é concedida a segunda opção: ela foi expulsa do País das Maravilhas por não se curvar às exigências da Rainha de Copas. Ela não deixou o caos dominar a sua mente.

“Não, não!”, interdito a Rainha. “Primeiro, a sentença. Depois o veredicto.”
 “Que maluquice!”, exclamou Alice em voz alta. “Onde já se viu anunciar a sentença antes do veredicto!”
 “Cale-se!”, ordenou a Rainha, roxa de ódio.
 “Não me calo!”, retrucou Alice.
 “Cortem-lhe a cabeça!”, gritou a Rainha. Ninguém se mexeu. “Ninguém dá a mínima para vocês”, declarou Alice, que havia crescido até alcançar seu tamanho natural. “Não passam de um baralho de cartas!”. Nesse exato momento, o baralho inteiro se ergueu no ar e desceu sobre a cabeça de Alice. De repente, viu-se deitada à beira do rio, com a cabeça no colo da irmã (CARROLL, 2014, p. 149).

Após ser expulsa do País das Maravilhas, Alice volta para o seu mundo real, o mundo dos humanos. Mundo este onde as coisas são “normais”, o tempo roda cronologicamente como ela conhece e não há um Coelho Branco mudando o seu espaço e distorcendo o tempo da maneira que quer. Alice só consegue sair do País das Maravilhas por não se contentar em obedecer a algo ilógico, que foge da sua capacidade de compreensão.

4. CONCLUSÃO

Alice no País das Maravilhas é um livro mágico e cheio de interpretações, e a questão temporal é somente uma das várias reflexões que podem ser feitas a partir desse livro. As definições filosóficas do tempo apresentadas, até o ano da publicação do livro, ajudam a perceber que há pouquíssima relação do tempo humano com o tempo no País das Maravilhas. O tempo humano tem como objetivo trazer respostas para os humanos sobre os acontecimentos da vida. Cada filósofo apresenta um ponto de vista diferente sobre como funciona o tempo.

Na Grécia Antiga, o tempo foi definido como Cronos e Kairós, que representavam duas facetas distintas: Cronos, o tempo cronológico, mensurável e inevitável; e Kairós, o momento oportuno e indeterminado, associado a eventos especiais e significativos.

A filosofia antiga reúne: Heráclito de Éfeso, Parmênides, Platão e Aristóteles. Heráclito via o tempo como um fluxo constante de mudança, encapsulado na ideia de "Panta Rhei" (tudo flui). Parmênides, por outro lado, negava a existência do tempo, sustentando que o ser é imutável e eterno. Platão introduziu a ideia do tempo como uma criação do Demiurgo para trazer ordem ao mundo sensível, enquanto Aristóteles vinculou o tempo ao movimento e à mudança, definindo-o como uma sequência de "agoras" interconectados.

Na filosofia moderna, temos Kant e Hegel, que apresentam teorias temporais mais distintas. Immanuel Kant propôs que o tempo é uma estrutura *a priori* da mente humana, uma condição necessária para a experiência sensorial. Para Kant, o tempo não existe fora da mente humana, mas é uma forma de organizar nossas percepções. Hegel, por sua vez, viu o tempo como um processo dialético e histórico, onde cada momento contém contradições que levam a uma síntese superior, refletindo a manifestação do Espírito Absoluto ao longo da história.

No País das Maravilhas, o tempo é o caos. Não há contabilidade, os personagens apenas vivem e se moldam conforme a narrativa vai se desenvolvendo. O tempo não se limita a uma simples distorção cronológica; ele é uma exploração profunda da natureza da realidade e da percepção. O Coelho Branco é o detentor do tempo, ele torna tudo caótico devido à sua ansiedade, e seu poder dentro da narrativa afeta todos os outros, principalmente a Alice, que não pertence a esse espaço. A única possível marcação de tempo concreta dentro da narrativa é quando o Chapeleiro abandona sua loucura, por um breve momento, e fala sobre a entidade que é o Tempo para ele. Mas, isso não dura muito, já que o personagem enlouqueceu, devido à desordem que existe no País das Maravilhas.

O tempo que Alice segue entra em conflito a todo momento com o tempo no País das Maravilhas. Alice caiu em um lugar em que suas regras não funcionam, ou pior: não existem. Ela é

forçada a lidar com uma realidade a qual não lhe cabe. E tanto não coube que foi expulsa por crescer demais no tribunal.

Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll, transcende a narrativa infantil ao explorar profundamente a natureza do tempo. Carroll subverte as expectativas ao retratar um mundo onde o tempo é fluido, contraditório e frequentemente ilógico. Essa abordagem não apenas desafia as convenções literárias de seu tempo, mas também convida os leitores a refletirem sobre a relatividade da experiência temporal e a natureza volátil da realidade. Ao confrontar o leitor com um universo onde o tempo não segue regras previsíveis, Carroll sugere que nossa compreensão do tempo é, em última análise, uma construção subjetiva, moldada pelas circunstâncias e percepções individuais.

5. REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Daniella. **O tempo na filosofia de Aristóteles, primeiras impressões.** *Revista Filosofia Capital*, v. 11, n. 18, 2016. ISSN 1982-6613. Disponível em: <https://filosofiacapital.org/index.php/filosofiacapital/article/view/347/276>. Acesso em: 20-06-2024.

BITTENCOURT, Renato Nunes. **Um dilema pré-socrático: a natureza do tempo em Anaximandro e Heráclito.** *NEARCO, Revista Eletrônica em Antiguidade*. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 1, n. 7, p. 137-150, 2011. ISSN 1972-9713. Disponível em: <http://neauerj.com/Nearco/arquivos/numero7/revistacompleta.pdf#page=137>. Acesso em: 12-06-2024.

CARNEIRO, Marcelo Carbone. **Considerações sobre a ideia de tempo em Sto. Agostinho, Hume e Kant.** *SciELO Brasil*, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832004000200003>. Acesso em: 30-06-2024.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das maravilhas.** Tradução de Márcia Heloisa. São Paulo: DarkSide, 2014.

COSTA, Danilo Vaz-Curado R. M.; ROSS, Miguel Angel. **Tempo, negatividade e subjetividade em Hegel: entre a lógica e a natureza.** *Revista Agora Filosófica*, ISSN 1982-999X, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2019.v19n2.p05-24>. Acesso em: 15-06-2024.

DE TONI, Jackson. **Cronos e Kairós, tempo acelerado e tempo perdido.** *Revista Távola Magazine*, ano 2022, ISSN 2179-5061. Disponível em: <https://jacksondetoni.wordpress.com/wp-content/uploads/2023/12/tavola-magazine-1.pdf#page=29>. Acesso em: 03-06-2024.

FURCOLIN, Alexandre. **Panta Rhei.** São Paulo: Estúdio de Imagem, 2018. Disponível em: <https://livrosdefotografia.org/publicacao/8352/panta-rhei>. Acesso em: 25-06-2024.

GAVIÃO, Ana Clara Duarte. **Chronos/Kairós**. *Jornal de Psicanálise*, 2020. ISSN 0103-5835. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352020000100001. Acesso em: 25-06-2024.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **O infinito negativo: Primeiro escrito de Hegel sobre o tempo**. Tradução de Alice Mara Serra. In: *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos*, v. 14, n. 1, 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/Win10/Downloads/admin,+SERRA++O+infinito+negativo.+Primeiro+escrito+de+Hegel+sobre+o+tempo%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Win10/Downloads/admin,+SERRA++O+infinito+negativo.+Primeiro+escrito+de+Hegel+sobre+o+tempo%20(2).pdf). Acesso em: 30-06-2024.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Coleção Os Pensadores).

MATSUURA, Oscar T. **Timeu: a Cosmologia de Platão**. Edição do autor: São Paulo, 2019. ISBN 978-65-901058-0-6. Disponível em: http://astro.if.ufrgs.br/TIMEU_Miolo_ReReReRevisado.pdf. Acesso em: 10-06-2024.

PERDILLE, José. **A Fenomenologia do Espírito de Hegel em diálogo com o Idealismo Alemão: O saber absoluto como a última figura do espírito**. *Rev. humanid. Valpso.*, Universidade Federal Rio Grande do Sul, ed. 18, 2021. DOI <http://dx.doi.org/10.22370/rhv2021iss18pp117-131>. Disponível em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0719-42422021000200117#:~:text=No%20espírito%20absoluto%20a%20consciência,diferenciadas%20%20mas%20como%20momentos%20seus. Acesso em: 10-06-2024.

QUEIROZ, Caroline Trapp de. **Nas curvas do tempo: um encontro entre infância e filosofia**. *Dialogia*, São Paulo, n. 25, p. 83-97, 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Win10/Downloads/mayarafa,+DialogiaN25_3d6471.pdf. Acesso: 30-06-2024.

RODRIGUES, João Paulo. **Platão – Mundo Sensível e Mundo das Ideias**. Disponível em: <https://sublimefilosofia.wordpress.com/platao-mundo-sensivel-e-mundo-das-ideias/>. Acesso em: 20-06-2024.

SECRETO DE FERRERAS, María Verónica. **A questão do tempo, sincronias e diacronias: reflexões sobre o sentido das cronologias.** 2021. Material didático. UFF - ESCRITAS. Disponível em: https://escritas.uff.br/wp-content/uploads/sites/379/2021/02/escritas-na-sala-de-aula_material-didatico_fundamental6_a-questao-do-tempo-sincronias-e-diacronias_maria-veronica-secreto-1-1.pdf. Acesso em: 01-07-2024.

SILVA, Alessandro Leonardo Rodrigues. **Cronos e Kairós em Paul Tillich.** *Revista Pandora Brasil*, n. 69, Disponível em: https://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/alessandro.pdf. Acesso em 10-08-2024.

SILVA, Nereide Siqueira Campos da. **O tempo em Aristóteles.** *Revista Pandora*, [s.d]. Disponível em: https://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/aristoteles/nereide.htm. Acesso em: 10-07-2024.

SILVA, Pablo Roberto da. **Uma leitura do Timeu de Platão: o tempo como a imagem móvel da eternidade.** *Revista Diaphonía*, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, v. 9, n. 3, 2023. ISSN 2446-7413. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/31673/22302>. Acesso em: 04-07-2024.

SOARES, José de Ribamar Barreiros. **A questão metafísica em Parmênides: O ser é, o não-ser não é.** *Portal da Câmara dos Deputados*. Disponível em: file:///C:/Users/Win10/Downloads/questão_%20metafisica_soares.pdf. Acesso em: 20-06-2024.

SOUZA, Alexandre Salomé de. **O tempo entre os espaços sagrados.** *Revista Pandora Brasil*, n. 69, 2015. ISSN 2175-3318. Disponível em: https://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/kronos_kairos_69/alexandre.pdf. Acesso em: 10-06-2024.

SOUZA, José Cavalcante de (seleção de textos). **Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996. ISBN 85-351-0694-4. Disponível em: <https://blogdocafil.wordpress.com/wp-content/uploads/2009/04/os-pre-socraticos-colecao-os-pensadorespdfrev.pdf>. Acesso em: 02-06-2024.

SOUZA, Luís Eduardo Ramos de. **Aspectos formais da teoria do espaço e do tempo de Kant contidos na Estética Transcendental da Crítica da Razão Pura**. In: CONGRESSO KANT INTERNACIONAL, Anais São Paulo: 10.º Congresso Kant Internacional, 2005. v. 2, p. 741-750. ISBN 978-3-11-021034-7. Disponível em: [file:///C:/Users/Win10/Downloads/Aspectos%20formais%20da%20teoria%20do%20espaço%20e%20tempo%20de%20Kant%20\(Eduardo%20Ramos,%202008\).pdf](file:///C:/Users/Win10/Downloads/Aspectos%20formais%20da%20teoria%20do%20espaço%20e%20tempo%20de%20Kant%20(Eduardo%20Ramos,%202008).pdf). Acesso em: 06-06-2024.